

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA

O ENSINO DA GEOGRAFIA E AS CIDADES: Por que não vejo
minha cidade quando aprendo geografia?

AMANDA CABETTE

ORIENTADOR:
Prof^a. Dr^a. Tânia Marques Strohaecker

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA

O ENSINO DA GEOGRAFIA E AS CIDADES: Por que não vejo minha cidade quando aprendo geografia?

AMANDA CABETTE

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciatura em
Geografia no Instituto de Geociências da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADOR:

Prof^a. Dr^a. Tânia Marques Strohaecker

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mario Leal Lahorgue

Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

A cada dia que passa, creio que fiz a escolha certa: iniciar o Curso de Geografia, pois me sinto totalmente realizada no âmbito profissional, realizando minhas pesquisas e trabalhos. Gostaria de ter concluído a Licenciatura antes do Bacharelado, porém somos responsáveis por nossas escolhas.... E, ainda tive tempo hábil de vida e de perseverança para finalizar esta modalidade de curso, e ainda, descobrir/aperfeiçoar minha maior paixão existencial- lecionar Geografia para adolescentes.

A finalização da Licenciatura permite lembrar e agradecer as pessoas queridas, que me acompanharam nesta incrível jornada.

Começo agradecendo a Deus, pois independente de religião, acredito num poder divino superior que me iluminou, nos meus pensamentos, em momentos reflexivos para construir minha vida profissional e acadêmica.

À minha família, por tudo, por serem tudo. Em especial minha avó e minha mãe, por todo o carinho, paciência, amor e dedicação, estando sempre ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu tio Aduato, pai que escolhi para vida, pois infelizmente meu pai biológico foi totalmente ausente na minha educação...Mas, meu tio/pai querido jamais deixou faltar afeto, amor, carinho e histórias fantasiosas de tesouros perdidos e ilhas inabitadas....Talvez tenha me direcionado na minha escolha de Curso no Vestibular (UFJF- ano 2007), pois sempre adorei saber sobre os lugares e as pessoas.

Aos meus tios e tias que estavam presentes na minha formação, dando apoio desde a minha infância. À minha irmã, Glúcia que sempre foi uma grande amiga e por sempre me incentivar a seguir em frente.

Ao Robson, meu grande companheiro e esposo, pelo amor e amizade dedicado a mim e a nossa casa neste período e em tantos outros de nossa vida.

Aos professores do Departamento de Geografia da UFRGS, em especial: o Prof. Mário, Prof. Ivaine e Prof. Nestor.

Ao Prof. Mário por me ensinar a *geografar* desde minha primeira pesquisa na Iniciação Científica...toda a paciência e persistência....me acompanhado até a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado e do Mestrado.

À Prof. Ivaine pelas aulas maravilhosas e apaixonantes, pelas conversas e todas as dicas na vida profissional de uma professora de geografia.

Ao Prof. Nestor pela parceria e compreensão ("*Calma, vai dar certo...precisa ter foco e acreditar no teu potencial*")...fundamentais para minha conclusão da Licenciatura...pelas discussões e puxões de orelha ("*tu és aluna de Doutorado-cobrareis sempre mais*")...que me fizeram crescer profissionalmente. Os Estágios I e II foram um período essencial para meu amadurecimento profissional- um misto de percalços e alegrias, revoltas e incertezas... Mas o Prof. Nestor estava sempre à disposição para ouvir todas as minhas lamúrias e vitórias... Obrigada, por tudo! O teu apoio foi essencial para a conclusão desta etapa.

Em especial a minha saudosa e eterna orientadora Prof. Tânia Strohaecker, pela valiosa orientação, pelas oportunidades, pelo carinho, pela amizade, pelos conselhos pessoais e profissionais, pelos materiais e indicações bibliográficas, por fim, todos os ensinamentos e por sempre acreditar nas minhas escolhas e conduzi-las no caminho acadêmico. Aprendi e Aprendo muito com nossa constante vivência/parceria e acredito que tê-la encontrado é um presente do universo....exemplo de profissional de mulher.

Às minhas amigas, Etiele e Carolzita, por serem minhas psicólogas...ao me emprestarem um ombro amigo...Esta parceria me ajudou muito a vencer todos os obstáculos.

Em especial à minha eterna amiga Paulinha, que mesmo com toda a distância, nunca deixou de me apoiar, incentivar e fornecer carinho.

E, finalmente, a todos aqueles que me auxiliaram de algum modo para que esse trabalho fosse concluído.

**Dedico este trabalho ao meu esposo,
Robson Aparecido, por todo seu amor e carinho.**

**“Não importa o que fizeram de mim, o que importa é
o que eu faço com o que fizeram de mim.”**

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Este trabalho busca-se investigar e analisar o ensino de urbanização no sétimo ano da Escola Desidério Torquato Finamor devido à importância que atribuímos a esta temática no ensino da Geografia, enquanto elemento necessários à compreensão do espaço geográfico. Sendo a cidade, uma marca da materialização humana, pelas diferenças e movimentos de fluxos e pessoas, assim como é o ambiente de vida de grande contingente populacional. Pensando nisso, procurou-se trabalhar em sala de aula com o conceito e a representação da cidade tendo como objetivo: envolver os alunos na construção do ensino-aprendizado, valorizando os conhecimentos e as vivências dos mesmos, marcando novas posturas frente ao espaço citadino. Pois, a Geografia deve tematizar às vivências e os conteúdos, instigando à criticidade e desenvolvendo saberes.

Palavras-chave:

Geografia, Cidades, Ensino.

ABSTRACT

This work seeks to investigate and analyze the teaching of urbanization in the seventh year of the Desidério Torquato Finamor School due to the importance we attribute to this theme in the teaching of Geography as a necessary element to the understanding of the geographic space. Being the city, a mark of the human materialization, by the differences and movements of flows and people, just as it is the life environment of great population contingent. Thinking about this, we tried to work in the classroom with the concept and representation of the city, aiming to: involve the students in the construction of teaching-learning, valuing their knowledge and their experiences, marking new postures in front of the city space. For Geography must be thematized by experiences and contents, instigating criticism and developing knowledge.

Keywords:

Geography, Cities, Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Planta do município- 1772. Porto Alegre/RS.....	27
Figura 02: Bairro Menino Deus no final do século XIX. Porto Alegre/RS.	29
Figura 03: Figura 3:Construção Campus do Vale/UFRGS. Porto Alegre/RS	30
Figura 04: Figura 4: Planta do Município- 2000. Porto Alegre/RS.....	31

SUMÁRIO

1. INICIANDO A HISTÓRIA DA DOCÊNCIA.....	13
1.1 Objetivos	14
2. O PORQUE DO ESTUDO DAS CIDADES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DOS EDUCANDOS	15
3. INICIANDO OS TRABALHOS	17
3.1 Analisando a docência	17
4. OS RESULTADOS DA PRIMEIRA DOCÊNCIA.....	18
4.1 Análise da Infraestrutura	18
4.2 O lugar e o Ensino da Geografia	18
5. O ENSINO DE GEOGRAFIA E O COTIDIANO ESCOLAR.....	20
5.1 A cidade e as aulas de Geografia	22
5.2 O que lecionei... As cidades, as origens e as transformações	25
6. O ENSINO DE GEOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA DA CIDADE.....	33
6.1 A geografia na prática e as relações da docência.....	35
6.2 Os sujeitos participantes da entrevista: o professor (a) de Geografia.....	35
6.3 O que retrata o questionário: análise da docência.....	36
PARA NÃO CONCLUIR.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
Apêndices.....	44

1. INICIANDO A HISTÓRIA DA DOCÊNCIA

O presente trabalho propõe-se a refletir sobre o ensino da cidade e do urbano a partir da análise dos conteúdos trabalhados no cotidiano escolar associado com o universo dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola de Ensino Fundamental Desidério Torquato Finamor, localizada no bairro Agronomia, no município de Porto Alegre. O lugar de vivência dos alunos também pode ser lido e trazido como forma de ensino para a sala de aula. A educação deve subsidiar o caminho para se pensar a cidade como um espaço cidadão, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB 9.394/96.

De fato, por seu caráter normativo, o currículo na educação básica apresenta uma perspectiva de conteúdos a serem ensinados, oriundos de um ensino tradicional pautado em padrões excludentes quanto à produção de conhecimento e da realidade escolar dos alunos. Contudo, a escola deve preparar o aluno para entender criticamente o lugar em que vive, utilizando os conteúdos escolares para refletir, questionar, debater a respeito das questões políticas, econômicas e sociais que compõem o lugar de vivência.

Neste estudo analisou-se ensino da cidade e o cotidiano dos alunos, uma marca da materialização humana, pelas diferenças e movimentos. Neste sentido, procurou-se trabalhar em sala de aula com o conceito e a representação da cidade tendo como objetivo: envolver os alunos na construção do ensino-aprendizado, valorizando os conhecimentos dos mesmos e criando novas posturas frente ao espaço citadino. Pois, a Geografia deve entrelaçar a vida e os conteúdos, instigando os alunos à criatividade e ao desenvolvimento de saberes, criando posturas críticas acerca dos fatos e experiências vividas.

Propõe-se subsidiar propostas de intervenção politizadas no âmbito da Geografia, no Ensino Fundamental, priorizando as experiências concretas da cidade e de sua sociedade, desafios relevantes para a formação de alunos críticos e atuantes nos contextos vividos na atualidade.

Pretende-se com as reflexões aqui apresentadas estimular a prática da pesquisa na escola considerando a complexificação dos desafios que a envolve no âmbito da

sociedade contemporânea para contribuir com a construção do conhecimento crítico e criativo pelo aluno.

1.2 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo geral investigar como os conteúdos relativos à cidade, enquanto objeto de ensino no 7º ano do Ensino Fundamental, contribuem para a formação dos alunos.

Objetivos Específicos

- Analisar a prática pedagógica e recursos didáticos utilizados na sala de aula;
- Analisar a relação Professor Estagiário/aluno nas aulas de Geografia;
- Propor sugestões no ensino da Geografia para o conteúdo de urbanização/cidades nas aulas de Geografia no sétimo ano do Ensino Fundamental.

2. O PORQUE DO ESTUDO DAS CIDADES A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DOS EDUCANDOS

A importância deste trabalho visa compreender a situação do ensino da Geografia no 7º ano do ensino fundamental, mais especificamente no que se refere aos conteúdos relacionados à temática das cidades/processo de urbanização, mostrando as experiências e os desafios nas relações entre escola, professor e aluno. Pois os conteúdos relacionados à dinâmica do espaço urbano, se apresentam como um desafio para a comunidade escolar, seja para preparar o aluno para ler criticamente o lugar em que vive, seja pela distância das metodologias utilizadas na sala de aula.

Neste sentido, este trabalho apresenta um breve diagnóstico do ensino-aprendizagem dos conteúdos urbanização/cidades na disciplina de Geografia, tendo como alvo de análise o Ensino Fundamental na Escola Desidério Torquato Finamor, onde procurou-se observar em sala de aula o conceito e a representação da cidade tendo como objetivo: envolver os alunos no processo de ensino/aprendizagem, valorizando os conhecimentos dos mesmos e criando novas posturas frente ao espaço cidadão.

Para os coordenadores pedagógicos e principalmente para os docentes da referida escola, esta pesquisa procura servir como instrumento de planejamento e aplicação do conhecimento geográfico, com o intuito de tornar as aulas mais dinâmicas e os conteúdos mais contextualizados com a realidade dos alunos, escolas e comunidade local. Assim, o aluno poderá participar efetivamente da construção do conhecimento, afastando a ideia do aprendizado “copia e cola”, pois a aula estará mais direcionada de acordo com a temática, bem como com a realidade vivida pela comunidade escolar.

Neste sentido, reafirma-se a importância da associação da realidade com os conteúdos trabalhados, pois a Geografia é uma ciência social e ao ser apreendida deve considerar a sociedade, sua dinâmica e evolução. O resgate dos conceitos geográficos deve refletir sobre o homem, a natureza, a sociedade; "pedagogia da realidade" fundamentada numa epistemologia entre a teoria e a realidade (CALLAI, 1991).

O aluno deve conseguir ler o espaço: conseguir através das práticas sociais compreender a teoria e a prática, pois, o ensino da Geografia se articula com a vida; não apenas dados e informações distantes da realidade, na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da articulação entre a natureza e as ações humanas- o espaço transformado constantemente pelo homem (KAERCHER, 2003).

Destaca-se que, muitas vezes, o ensino de Geografia é marcado por um descompasso entre a geografia que se ensina, o cotidiano vivido pelos discentes e o nível de maturidade dos mesmos, caracterizando um ensino engessado - da decoreba e do enciclopedismo, pelo excesso e reprodução de conteúdos e pela negligência dos conhecimentos anteriores dos alunos, adquiridos no seu espaço de vida. Assim, Kaercher (2003) analisa a relação entre a Geografia e a construção dos conhecimentos escolares, o espaço vivido pelos alunos tem um papel fundamental.

Neste sentido, o ensino da Geografia deve seguir uma Didática Crítico-Social, onde o ensino é um processo do autoconhecimento do aluno e do espaço onde vive, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: geografia, cotidiano e práticas docentes. Sendo que, os objetivos sociopolíticos e pedagógicos gerais do ensino e os objetivos específicos da Geografia escolar é que orientam a seleção e a organização de conteúdos trabalhados nas escolas.

Contudo, a Geografia nas séries iniciais é marcada por um descompasso entre o que se ensina e o cotidiano vivido, principalmente nos bairros ou áreas periféricas das cidades, caracterizada pelo excesso e reprodução. Assim, segundo Bonfim (2004), a relação entre a Geografia e a construção dos conhecimentos escolares, o espaço vivido pelos alunos tem um papel fundamental. Pois através das práticas sociais no espaço, os alunos desenvolvem estratégias que podem contribuir para o processo de ensino/aprendizagem da Geografia.

Assim, torna-se necessário despertar o interesse dos alunos e construir junto com eles o conhecimento sobre a cidade. Segundo Callai (2003), este é o desafio que temos: fazer da Geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que pareçam distantes da realidade e na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da

interligação entre o espaço natural, com todas suas regras e leis, com o espaço transformado constantemente pelo homem.

3 INICIANDO OS TRABALHOS

A pesquisa consiste em duas partes: a primeira tem como objetivo identificar e explicar os modelos aplicados nas práticas pedagógicas dos docentes e como os alunos reagem a estes modelos durante as experiências vividas no Estágio Fundamental. Neste sentido, realizou-se uma análise da prática docente, no que diz respeito aos recursos utilizados na sala de aula como apostilas, filmes, como também, o ensino da temática da cidade/urbanização em relação à Geografia.

A segunda parte tem como objetivo a intervenção do autor na realidade de ensino da Geografia da escola e da turma selecionada, por meio das experiências vividas durante o Estágio Docente, aplicação dos questionários e as sugestões por meio dessa pesquisa/vivência.

3.1 Analisando a docência

- Bibliográfica: foram utilizados livros, periódicos, jornais, teses, dissertações como também, documentos pertinentes à pesquisa que foram encontrados nas bibliotecas da escola, com o objetivo de enriquecer o trabalho e tornar mais palpável os conceitos abordados;

- In loco: foram realizadas visitas na escola com aplicação de questionários, que visam entender a ação pedagógica dos docentes que ministram a disciplina de Geografia;

- Estudo de caso: para a construção de uma ação da prática pedagógica de ensino, foi realizado um levantamento das aulas de Geografia nas quatro turmas do sétimo ano, tanto nos turnos matutino e vespertino.

4. OS RESULTADOS DA PRIMEIRA DOCÊNCIA

Os resultados desta pesquisa foram realizados no sétimo ano do Ensino Fundamental da Escola Desidério Torquato Finamor, Porto Alegre/RS. As turmas analisadas contemplam a docência de dois professores e 144 alunos que atuam diretamente neste período do Educação Básica. No primeiro momento, foi feita uma breve descrição da infraestrutura da instituição escolar. Logo, a exposição dos dados qualitativos, no que diz respeito à relação dos professores com os alunos e com o ensino geográfico. E, por fim, foi analisada a relação dos alunos com o conhecimento da Geografia no Ensino fundamental.

4.1 Análise da Infraestrutura

Na Escola observada as salas são ventiladas, iluminadas e a maioria dos ventiladores funciona, as carteiras estão sempre no padrão tradicional todas de frente para o quadro verde. A biblioteca dessa instituição tem livros didáticos e paradidáticos; revistas como “Guia do Estudante”, “Atualidades”, “Veja”, etc. com acesso disponibilizado aos alunos de sala com computadores vinculada à biblioteca.

Destaca-se também, os recursos humanos da Escola Desidério Torquato Finamor, composto por um grupo bem organizado de supervisores, secretários, diretores e demais cargos de serviços ligados à escola em dois turnos (matutino vespertino).

A escola possui uma estrutura física muito bem conservada, apesar da edificação ser antiga. Nos espaços externos, a escola oferece aos alunos uma quadra polivalente para jogos como futebol, vôlei, basquete, handebol, etc. Em síntese, a Escola Desidério Torquato Finamor apresenta uma infraestrutura adequada quanto aos espaços internos e externos de aprendizagem, lazer, recreação e um quadro técnico e de serviços gerais compatíveis com o porte da instituição.

4.2 O lugar e o Ensino da Geografia

A sistemática empregada na Escola é da rotatividade dos alunos em espaços reservados para as diferentes disciplinas. No caso das aulas de Geografia, a sala é

espaçosa, contemplando 42 classes e com exposição nas paredes de dois mapas físicos e políticos do Brasil e mais duas plantas do município de Porto Alegre (físico e político).

Pode-se observar que os professores apontaram que a infraestrutura física da escola oferece as condições ideais para o aprendizado, as duas professoras de geografia entrevistadas relataram que a escola dá suporte para os professores inovarem, já que apresenta uma biblioteca de boa qualidade, datashow e equipamentos de informática, uma consistente coletânea de mapas físicos e políticos e três globos terrestres constituem o acervo escolar. As docentes entrevistadas afirmaram que conhecem muitas escolas que apresentam carência de infraestrutura e de materiais didáticos, desde o giz colorido até mapas atualizados.

Mas afirmam que utilizam pouco esses recursos didáticos já que preferem escrever no quadro negro e os alunos copiarem, pois assim, param um pouco de conversar e são obrigados a fazer alguma coisa. Afirmam, também, que planejam uma aula tradicional, falam no máximo dez minutos ao longo dos dois períodos, e fazem os alunos copiarem e fazerem exercícios da temática estudada.

(...) *Eles não querem aprender* - foi a frase dita por uma das professoras e logo a outra acrescentou (...) *eles nem sabem o que é Geografia, imagina não sabem nem o Estado do país que vivem* (...).

Neste sentido, a abordagem que planejei utilizar nas minhas aulas era bem diferente da prática das docentes entrevistadas, pois durante o Estágio queria muito utilizar todos os recursos possíveis e fazer uma aula de total interação, não almejava alunos quietos. Pelo contrário, gostaria de alunos questionadores e participativos.

5. O ENSINO DE GEOGRAFIA E O COTIDIANO ESCOLAR

Durante as observações que realizei nas turmas do sétimo ano nas aulas de Geografia pude constatar tudo o que as professoras afirmaram: as aulas eram na forma tradicional de copiar o que estava no quadro e decorar a matéria, o desinteresse tanto dos alunos e das professoras, já desanimadas e cansadas de uma vida profissional desvalorizada e assolada por um déficit salarial de décadas no Estado.

Um dos meus objetivos foi analisar a prática pedagógica e os recursos didáticos utilizados na sala de aula e foi meu foco durante as observações realizadas, apesar de não concordar com muitas das falas das professoras e até mesmo com a conduta docente delas, meu papel não é julgá-las, mas sim, destacar e descrever o que eu vivi e observei na Escola Desidério Torquato Finamor.

As aulas de Geografia são ministradas por duas professoras concursadas (formadas em Geografia/Licenciatura na PUC/RS) que se revezam nos turnos matutino e vespertino da Escola, uma das professoras é bem jovem, vinte e seis anos e com três anos de experiência docente (atuando no Estado e na Rede Privada Romano) e a outra já atua há dezoito anos na rede pública estadual, com quarenta e cinco anos de idade (atuando apenas em instituição pública). Ambas trocam experiências para as aulas e resumos que passam para as turmas e combinam as provas e trabalhos aplicados. Pude observar também, que a professora mais jovem respeita e admira muito o trabalho da colega mais velha, pedindo opinião e ajuda na preparação das aulas.

Minhas observações da prática docente foram de dez horas aula, ou seja, dez períodos, mas optei por estender o tempo de análise e acabei observando mais as aulas de Geografia. Logo, me deparei com uma prática docente repetitiva e monótona, nas aulas, até os pontos colocados no quadro negro tanto no turno matutino quanto no vespertino eram idênticos. A prática no cotidiano docente consiste em: ao entrarem, falarem bom dia ou boa tarde e logo pedirem para os alunos abrirem os cadernos e copiarem a matéria escrita na lousa. Os alunos, de maneira tradicional, ficam sentados em fileiras dispostas lado a lado copiando a matéria, conversando bastante, rindo e alguns cantando músicas, porém em tom baixo de voz. Pois, caso contrário, as

professoras ameaçam em fazer o espelho de classe, ou seja, destituir as *panelinhas* criadas e posicioná-los conforme a lista de presença.

Assim, foram meus cinco dias de observação, vendo os alunos como autômatos copiarem a matéria do quadro nos cadernos e as professoras transcreverem seus resumos no quadro, um ciclo vicioso, onde as aulas, sem perguntas ou respostas, se transformavam em um exercício mecânico. Durante meu terceiro dia de observação perguntei sobre o uso dos livros didáticos e o uso da coletânea de mapas. Minha pergunta foi sanada com um NÃO disfarçado, pois os livros didáticos escolhidos pela Escola vieram trocados, e como forma de resistência e contestação pela falta de seriedade e responsabilidade por parte da Secretaria de Educação, todos os professores se organizaram para não utilizarem tal material e deixaram os volumes de livros empacotados na Secretaria da Escola para serem recolhidos posteriormente.

Já sobre os mapas o NÃO foi menos convincente e eficaz, a resposta dada pelas professoras, foi que os alunos não entendem e não gostam de mapas e seria melhor dar tarefas e matéria para serem copiadas. Como fui chamada de *empolgada com o ensino* e de *novinha que tem sangue nos olhos* por ambas as professoras, fui relutante e utilizei bastante materiais alternativos focando em aulas dinâmicas e menos maçantes para os alunos como, por exemplo, vídeos curtos que pudessem introduzir de forma lúdica e descompromissada o conteúdo que seria trabalhado, mapas (e globo) e atlas (já que a escola possui este material em seu acervo didático).

Logicamente, consultei os livros didáticos como pontos de partida norteadores dos conteúdos da aula, porém, a consulta a esse material não foi uma prática que empreguei com meus alunos, porque meu objetivo nessa prática foi de desenvolver uma aproximação afetuosa e existencialista com os alunos, e, como a escola por medida de resistência não utilizou este material, optei seguir esta linha para não haver possíveis complicações em meu Estágio.

Durante as aulas que ministrei optei por usar a biblioteca onde me senti/nos sentimos mais a vontade. Primeiro, porque a sala de Geografia era gigantesca e só havia 23 alunos, em segundo lugar, porque na biblioteca havia mesas grandes: podíamos fazer um círculo e conversarmos melhor, ou seja, era um lugar mais aconchegante. E, destaque também, o uso de tecnologias nas aulas: *Power Point*,

vídeos, mapas interativos, músicas...pois, assim, conseguia chamar mais a atenção deles e concomitantemente, introduzia o conteúdo que seria trabalhado.

Observei também, que deveria me adaptar à realidade que estava vivendo: alunos carentes/tanto no sentido econômico e/ou financeiro, quanto no sentido social/psicológico. Assim, precisava ser mais que a professora...tinha que ser uma pessoa que durante uma hora e meia na semana fizesse a diferença na vida da turma 73.

E, foi isso que me propus a fazer...desde o dia que iniciei as observações até minha última aula, tentava a cada semana fazer coisas diferentes: aulas interativas, já que muitos alunos chegavam cansados, desmotivados e muitas vezes com fome...apenas preocupados com a hora da merenda e, posteriormente com a aula de Educação Física. Utilizei a técnica da “pedagogia da glicose”, pois sempre que podia levava doces e chocolates e distribuía no final de cada período...não via este ato como uma compra ou chantagem. Mas sim, como um agrado/presente sincero, pois por mais que fossem indisciplinados, eu realmente amo/amava o que estava fazendo e eram eles que faziam minha carreira profissional ter verdadeiro sentido.

E, como me lembro muito bem e detalhadamente do meu no Ensino Fundamental e, principalmente das aulas de Geografia, quis que eles se lembrassem de mim também...Assim, em cada aula tentei jogar minhas sementes, logicamente com o intuito de vê-las frutificarem...parafraseando Rubem Alves: plantei carvalhos, e inicialmente pensei/gostaria de vê-los crescerem....Mas, carvalhos não são eucaliptos.....paciência! Creio que fiz o melhor que podia fazer/ensinar....

5.1 A cidade e as aulas de Geografia

O ensino de Geografia consistiu no aperfeiçoamento crítico do aluno, desenvolvendo habilidades, conhecimento e valores essenciais para a vida. Neste sentido, a disciplina no seu escopo escolar tem fundamental importância para esta construção, pois consegue trabalhar com a realidade do aluno (CAVALCANTI,2008).

Nesta perspectiva, a abordagem em sala de aula do conceito e da dinâmica da cidade proporcionou o contato com o espaço vivido do aluno e com outros temas envolvendo este espaço, criando posturas críticas dos alunos sobre os fatos vividos.

Partimos da reflexão sobre o papel da cidade, definida como um espaço de luta e contradições sociais, frente à desigualdade econômica e espacial, e que interfere no cotidiano.

Para trabalhar com este assunto em sala de aula, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Desidério Torquato Finamor, foi elaborada uma prática pedagógica que permitisse o desenvolvimento de concepções por parte dos alunos a partir da realidade em que vivem e do seu conhecimento para uma interação com o conteúdo geográfico, a cidade.

A proposta didática teve como objetivos: despertar o interesse dos alunos e construir junto com os mesmos o conhecimento sobre a cidade de Porto Alegre. Nesta perspectiva, foi trabalhado o entendimento/comparação de imagens com a representação do espaço urbano, através de fotos, figuras, plantas e mapas que representassem a evolução urbana da cidade, valorizando o bairro que a maioria dos alunos reside. A partir desses materiais os alunos foram discutindo conceitos: o tecido urbano e sua formação, e a análise sobre a cidade, envolvendo a percepção dos educandos ao assunto trabalhado no ambiente escolar.

Durante o Estágio docente observei que as aulas tradicionais não estavam funcionando como almejava. Depois de algumas aulas/experiências, percebi que os alunos do e 7º ano conseguiam entender melhor o conteúdo quando eles visualizavam a cidade e sua evolução urbana como parte de um processo participativo. Foi assim, que eu comecei a desenvolver aulas dinâmicas, ou seja, utilizar o passado e presente para entender Porto Alegre, cidade que os alunos viviam.

Além das fotografias, mapas e plantas os alunos foram divididos em pequenos grupos para que pudessem fotografar o bairro em que vivem e aplicar um questionário (ver Apêndice II) aos moradores mais antigos e mais novos, familiares para terem uma visão da mudança/transformação do lugar onde vivem. Eles tiveram cinco semanas para fazer o trabalho em conjunto com as aulas expositivas.

Os questionários aplicados pelos alunos ajudaram muito a melhorar a disciplina em sala de aula. O interesse deles pelo conteúdo também aumentou. Essa atividade de aplicar questionários junto à comunidade foi um trabalho de síntese da área de Humanidades exposto na Gincana de Julho de 2017, onde os alunos expõem os

trabalhos realizados durante o primeiro semestre, em conjunto com as disciplinas de História e Ética Social. As pessoas da comunidade, em função de que é um dia especial de Portas Abertas para a população em geral do entorno da Escola e do âmbito escolar, ficaram surpresas com as exposições finais, eles souberam questionar e foram muito participativos. Esse trabalho foi muito significativo como meu primeiro contato na docência de Geografia.

Essa atividade foi um envolvimento de toda a comunidade escolar e familiar, tudo muito organizado, procurando seguir um cronograma. Foi construído em conjunto com a turma 73 o roteiro do questionário (Apêndice II). Na concepção de Cavalcanti (2008), o papel da Geografia escolar é de formar raciocínios e concepções, possibilitando a prática de pensar fatos e acontecimentos constituídos de vários determinantes.

Assim, o trabalho com o conceito e representação do espaço urbano não é apenas importante, pois é o espaço de vivência do aluno, marcado pelas possibilidades de criação de valores e posturas críticas do sujeito (aluno) com o ambiente urbano em que vive. Sabe-se que a cidade é o espaço de múltiplas formas de vida e diferentes habitantes, sendo significativo o tratamento das relações sociais de formação do cidadão.

O principal objetivo era mostrar para os alunos a importância da Geografia e como esta disciplina se insere diretamente no cotidiano vivido, associar conteúdo e trabalhos práticos para que os alunos entendessem a evolução do lugar onde vivem. Assim, nas aulas ministradas, tentava expor e definir os conceitos geográficos, como uma linguagem própria pautada na interpretação da realidade do que foi vivenciado nas entrevistas.

Como as perguntas eram discursivas para que os alunos pudessem interagir com os entrevistados, foram levantadas questões relevantes para o entendimento do processo de urbanização da cidade de Porto Alegre. O ambiente natural foi muito destacado pelos alunos e entrevistados, pelo fato deles residirem em um bairro periférico (Agronomia) e com aspectos rurais, cuja presença de áreas verdes é bem significativa e preservada.

Pode-se observar a percepção diferenciada dos alunos sobre a cidade. Um exemplo constatou-se nas entrevistas, as árvores e flores, enquanto outros retrataram a

poluição do espaço citadino. Ou mesmo na representação de áreas comerciais e áreas residenciais. Muitas pessoas da comunidade retrataram a questão do tráfico de drogas, o medo da influência da droga no cotidiano das crianças e adolescentes e a ausência de policiamento nas principais vias do bairro Agronomia. A maioria das pessoas contatadas mora há mais de 15 anos no bairro e há uma rede de familiaridade na vizinhança (muitas pessoas da mesma família residem e estudam no bairro).

A escolha para residir no bairro Agronomia deve-se à ocupação de áreas verdes décadas atrás e com a complacência do Estado (instância municipal), muitas delas se tornaram AEIS (Áreas Especiais de Interesse Social). As mudanças mais significativas em relação ao bairro Agronomia foram à melhoria na acessibilidade das principais vias urbanas e à implementação de sistema de transporte público mais eficiente. Apesar de todos os problemas relatados, os moradores contatados não pensam em mudar de bairro, salientando a importância dos quintais e hortas nas casas como um meio de sobrevivência.

Neste sentido, uma das melhores formas de ensinar foi aproximar a sala de aula do mundo dos alunos, assim despertou-se o interesse dos mesmos na aula (KAERCHER, 2004). Pois, a educação é a mais eficaz estratégia definida pelas sociedades para levar cada indivíduo a desenvolver seu potencial criativo e para desenvolver a capacidade dos indivíduos de alcançar o conhecimento.

Após as entrevistas foi proposto a construção de um texto sobre a cidade (antes e depois). Nesta etapa, muitos alunos, descreveram o que haviam feito nas entrevistas, outros, entretanto, falaram sobre a cidade de Porto Alegre e o bairro Agronomia e outros abordaram o que eles sentiam e como gostariam que fosse a cidade.

Dentro da proposta docente, a prática pedagógica foi discutida numa interação entre professor-aluno-comunidade, o conteúdo em destaque, dos quais os educandos participaram na construção dos conceitos. Após este processo de ensino-aprendizagem ocorreu a exposição de todos os trabalhos na escola.

Neste sentido, a construção do aprendizado partindo dos conhecimentos e realidade dos alunos foi significativa, pois os mesmos participaram como sujeitos ativos na construção de saberes. Sendo esta construção prazerosa e ao mesmo tempo prática, pois se divertiram com as atividades. Assim a construção do conhecimento

acerca da cidade foi acontecendo no decorrer da prática pedagógica e a interação entre os elementos constituintes do ambiente escolar (alunos e professor).

Destaco ainda, o papel que me empenhei a cumprir, não somente a difusão dos conhecimentos, mas sim incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um mediador da inteligência coletiva dos grupos que estão ao seu encargo, e ainda sua atividade está centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens. (LÉVY, 1999).

5.2 O que lecionei... As cidades, as origens e as transformações

O ensino de Geografia tem a principal finalidade de formar raciocínios, ideias e concepções a respeito do espaço de maneira articulada e crítica, abrangendo o meio vivido, porém, numa visão global. Nesta perspectiva, o processo educativo deve ser pautado no conhecimento do cotidiano e das suas vivências, torna-se necessário criar espaço para que o aluno pense, reflita e com isso, seja capaz de emitir opiniões críticas a partir da realidade e do conhecimento (DEMO, 2005).

O ensino do processo de urbanização/cidades pode ser percebido como sendo uma expressão de um modo de vida, um lugar onde as pessoas vivem/transformado pelo homem em espaço geográfico, para aprender, para participar da vida social e política. Desse modo, a escola deve considerar o espaço do aluno (visto que essa instituição tem por finalidade a formação de cidadãos) e, assim, contribuir para o conhecimento empírico, teórico e crítico da realidade. Conseqüentemente, sem essa relação, o aluno não compreende a importância dos conteúdos geográficos em suas atividades cotidianas, o que apóia o entendimento da Geografia, como uma disciplina dinâmica, com vínculos com a realidade (PAIVA, 2009).

Na tentativa de ensinar o processo de urbanização para os alunos, a turma foi dividida em pequenos grupos, os quais foram orientados a fazer uma leitura do espaço geográfico da cidade de Porto Alegre/RS, objetivando a definição da temática a ser trabalhada por cada equipe.

Para o desenvolvimento dos objetivos propostos, as aulas foram ministradas a partir das entrevistas, captura de imagens fotográficas, o que contribuiu para a execução das referidas atividades propostas. Ressalta-se que teoria e prática do

Estágio docente caminharam juntas no desenvolvimento das atividades, tendo como direcionamento uma interpretação da totalidade das relações que determinam o problema.

Em um primeiro momento, os alunos da turma 73 foram orientados a iniciarem um exercício de leitura do espaço geográfico do bairro Agronomia situado na zona leste da cidade de Porto Alegre/RS. Pois, a partir dessa aula, o aluno teria subsídios para identificar a hierarquia urbana. A partir das entrevistas realizadas (Apêndice I) e das imagens (Figuras 1, 2, 3 e 4) trabalhadas na sala de aula, os alunos anotaram em seus respectivos cadernos quais eram as características que mais chamaram a sua atenção, frente ao processo de transformação do espaço geográfico.

Através das entrevistas e das fotos de Porto Alegre os alunos verificaram um acentuado contraste social do bairro Agronomia em relação aos demais bairros, considerando-se o fator locacional nas áreas periféricas, a aquisição do terreno ser mais viável economicamente, nessas áreas o processo de infraestrutura desenvolve-se lentamente.

Por outro lado, a evolução urbana da cidade de Porto Alegre intensifica a valorização de alguns bairros, principalmente quando existe a localização central ou em algumas centralidades, ou seja, pontos estratégicos da cidade. Para tal explicação para a turma nos balizamos no processo de urbanização sobre o território de Porto Alegre, de acordo com Souza e Müller (2007), enfocando períodos distintos em função de fatores econômicos, institucionais, locacionais e culturais. Assim, elaboramos uma prática pedagógica que permitisse o desenvolvimento de concepções por parte dos educandos a partir da realidade em que vivem e do seu conhecimento para uma interação com o conteúdo geográfico, a cidade e o bairro onde vivem.

A proposta didática teve como objetivos: despertar o interesse dos alunos e construir através da história da cidade a identidade dos alunos e de seus familiares, a partir dos conteúdos trabalhados, das entrevistas e das fotos antigas e atuais. Cada uma dessas fases de ocupação/desenvolvimento de Porto Alegre foi descrita, com o objetivo de analisar a produção do espaço urbano, entendendo as suas transformações.

A primeira fase de ocupação do território abrange o período de 1680 a 1772, neste período a cidade de Viamão foi a capital do Estado do Rio Grande do Sul. A região de

Porto Alegre era um importante escoadouro da produção da região, por estar localizada na confluência de rios e pelo seu porto natural - Guaíba (Figura, 1).

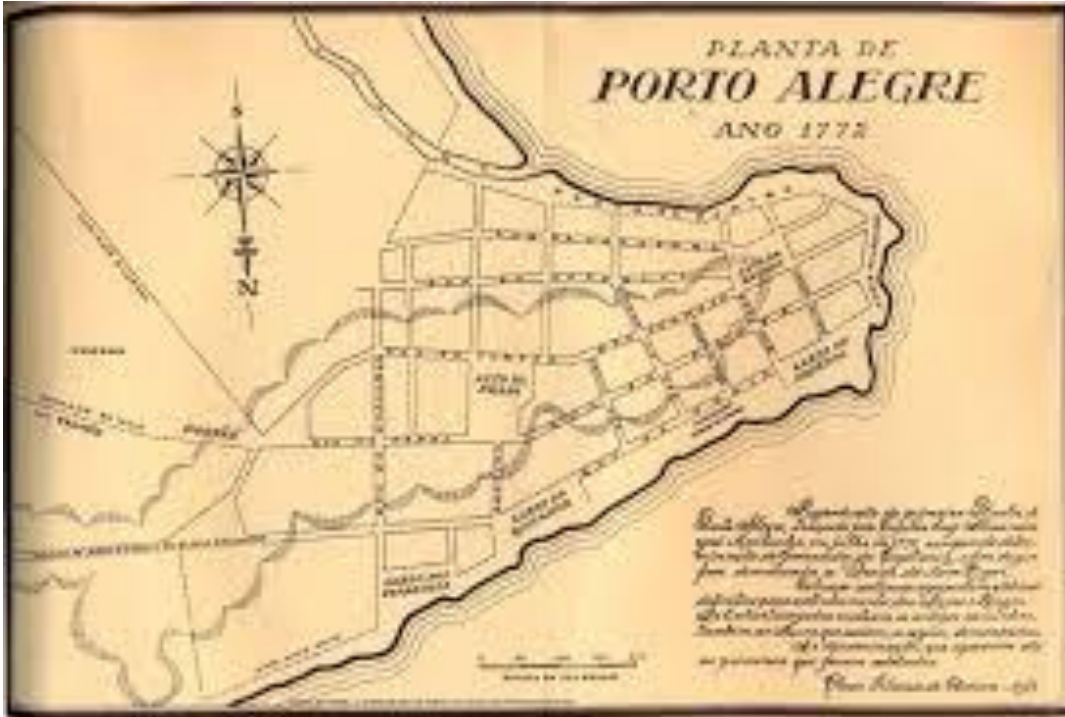


Figura 1: Planta do município- 1772. Porto Alegre/RS. Fonte: Acervo Museu Joaquim Felizardo

A segunda fase (1772 a 1880) é marcada pela consolidação de Porto Alegre como capital, o desenvolvimento da região do Jacuí e o surgimento de cidades ao longo desta região. O plantio de trigo era responsável pelo desenvolvimento da economia urbana de Porto Alegre. De acordo com Hausman (1963), nesta fase (1770 a 1880) a cidade de Porto Alegre adquire aspectos urbanos, reforçando a posição e localização do porto. Em 1810, Porto Alegre foi elevada à vila tornando-se um importante núcleo, realizando importações e exportações devido ao surgimento de um mercado nacional.

A terceira fase é caracterizada pelos fluxos migratórios (1820 a 1890). A chegada e fixação dos imigrantes alemães e italianos incentivaram o aumento da produção agrícola. Segundo Hausman (1963), os primeiros adensamentos populacionais foram nos arraiais do Menino Deus, o de São Miguel e Partenon (1853).

A quarta fase é marcada pela industrialização (1890 a 1945) período que compreende as duas grandes guerras mundiais, favorecendo o surgimento e desenvolvimento de manufaturas locais, em decorrência da diminuição abrupta das

importações. A indústria era voltada para o interior, marcando o incremento das atividades comerciais, a mão-de-obra passa a ser basicamente dos imigrantes alemães.

A cidade começa a aumentar o seu perímetro urbano: além dos arraiais do Menino Deus e São Miguel, surgiram o de Navegantes, São Manoel e Glória. Cada novo arraial representava a formação de núcleos urbanos a partir do desenvolvimento de determinada atividade (Figura, 2).



Figura 2: Bairro Menino Deus no final do século XIX. Porto Alegre/RS. Fonte: Acervo Museu Joaquim Felizardo.

Neste contexto insere-se o bairro Agronomia, cuja localização e origem ocorreram pelo tráfego contínuo em duas estradas que foram fundamentais para o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre: Caminho do Meio, atual Oswaldo Aranha e Protásio Alves, e estrada do Mato Grosso, atual Bento Gonçalves (SANHUDO, 1975).

Já nos primeiros anos do século XX, foi fundado no atual bairro o Instituto de Agronomia e Veterinária, que viria transferido da Escola de Engenharia, localizada na área central de Porto Alegre, em função da necessidade de adequação do espaço geográfico com a proposta do curso, instalando-se em prédio próprio em 1º de julho de

1913 (FRANCO, 1992).

Neste sentido, o território que viria a ser o Bairro Agronomia, correspondeu às finalidades pretendidas pela instituição, que passaria a dispor de amplo espaço para a realização de suas práticas. Com a criação em 1934 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Figura 3), o referido departamento e a sua estrutura foi por ela absorvido, e essa atividade universitária trouxe uma relativa expansão para a região. A partir de meados da década de 1970, alguns institutos da UFRGS, sediados no campus central da mesma, começam a ser deslocados para uma área no bairro, próximo da divisa com o município de Viamão (FRANCO, 1992).

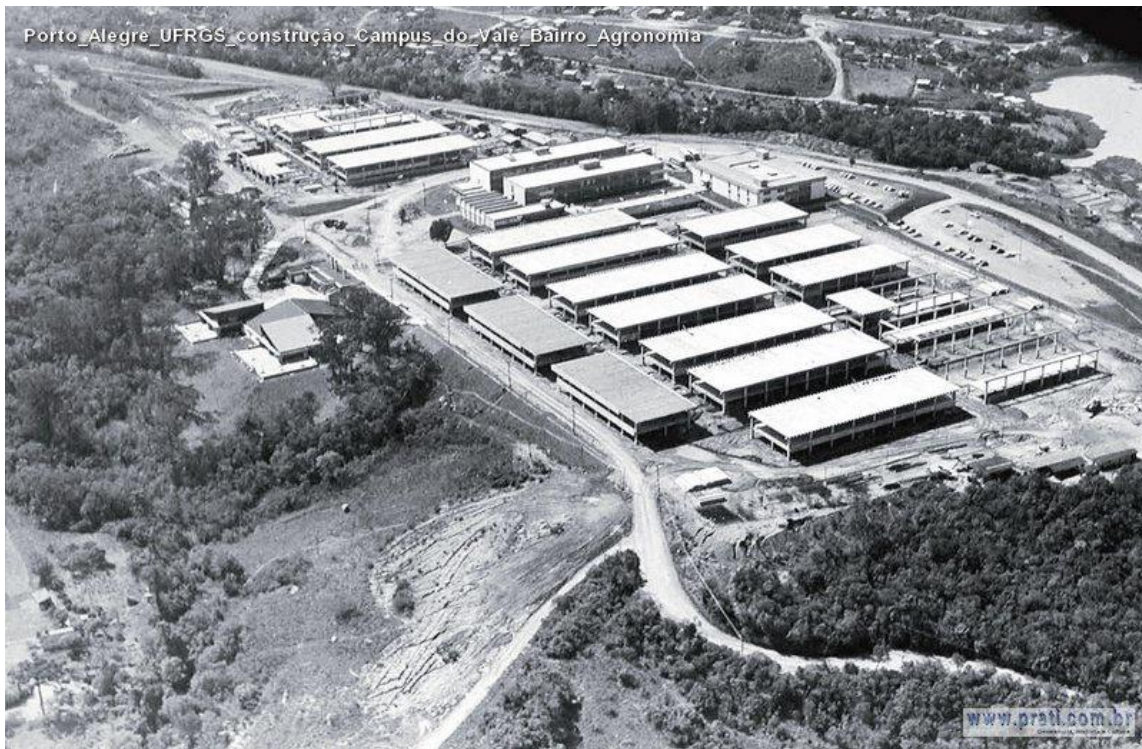


Figura 3: Construção Campus do Vale/UFRGS. Porto Alegre/RS. Fonte: Acervo Museu Joaquim Felizardo.

A importância da história da cidade remonta ao aprendizado e conhecimento dos alunos, reafirmando-se na medida em que se possibilita aos educandos a formação de raciocínios, ideias e concepções a respeito do espaço local de maneira articulado e crítica, identificando o micro (bairro Agronomia) no macro (na cidade Porto Alegre), bem como a sua relação com os espaços mais distantes, numa visão global. Neste sentido, o ensino da urbanização de Porto Alegre contribui para que o aluno se reconheça

enquanto ser social e cidadão construindo, assim, várias possibilidades para que o ensino de Geografia possa ser desenvolvido a partir das histórias cotidianas.

Nem todas as cidades, no entanto, surgiram pelas mesmas motivações. As cidades exibem processos históricos distintos. Estudar, pesquisar a origem das cidades e sua história é fundamental para entender o processo de urbanização. Nessa perspectiva, pode-se iniciar estudando o sítio urbano de uma cidade e seu planejamento, ou descobrir, no decorrer da pesquisa, que a cidade surgiu sem um planejamento, a exemplo de várias cidades brasileiras (SANTOS, 1994). Áreas cristalizadas, diferenciação desta área planejada com outras da periferia, qualidade de serviços, infraestruturas e equipamentos, os padrões de habitação nesta porção central e áreas do seu entorno, também poderão ser temáticas trabalhadas na sala de aula.

A partir da contextualização da evolução urbana referenciada aos alunos, através da Figura 1 e da configuração atual dos bairros Porto Alegre observada na Figura 4, é explícita a diferenciação das áreas/bairros a partir do processo de urbanização que pode ser levantada/observada pelos alunos nas aulas.



Figura 4: Planta do Município- 2000. Porto Alegre/RS. Fonte: Casa dos mapas.

Outra proposta de estudo foi a investigação/análise urbana dos bairros. Nas cidades, a exemplo de Porto Alegre, existem bairros planejados e outros sem qualquer estruturação. Nos bairros planejados existem características que contrastam com os demais. Estas diferenciações são possíveis pelos diversos equipamentos existentes neste bairro, como: escola, creche, posto de saúde, áreas verdes, de lazer e recreação, associação de moradores, campo de futebol, *playground*, entre outros.

Mais elementos que podem ser observados são as vias com pavimentação, canalização de esgotos, energia, iluminação e telefonia. Tais características distinguem as áreas centrais das periféricas, destaca-se também as histórias de lutas e conflitos em busca de melhorias e ampliações dos serviços de uso coletivos. Outro exemplo prático

na vida dos alunos é o padrão de habitação, um elemento diferenciador dos espaços urbanos, destaca-se os equipamentos comunitários e infraestruturas existentes.

A vida urbana é alvo de investigação de diferentes aspectos, expressa o dinamismo dos lugares e a ação antrópica na paisagem, que está ou não explícito, aparente e, por isso deve ser analisado nas aulas de Geografia. Trata-se do lugar e do mundo em suas partes, as relações entre a sociedade e o espaço geográfico. Já que a cidade é construída a partir do dinamismo das relações que lhe conferem forma e conteúdo, justamente o que configura a sua paisagem.

Existem infinitas possibilidades de temáticas que podem ser estudadas nas aulas de Geografia, as quais ficariam difíceis de serem esgotadas neste breve estudo. Reafirma-se a importância do estudo proposto por Callai (2002), ou seja, da intencionalidade da articulação do ensino do Aluno, ou seja, que proporcione significado de vida.

6. O ENSINO DE GEOGRAFIA E A IMPORTÂNCIA DA CIDADE

O conceito de cidade contemporânea tornou-se complexo. Do ponto de vista didático, acabou incorporando outras dimensões além das políticas e sociais, como as culturais, econômicas, físicas e espaciais (LAHORGUE, 2002). Porém, o conteúdo deve proporcionar sentido na vida dos educandos. É nesse sentido mais contemporâneo que a cidade é concebida, o que não significa que o antigo sentido, o histórico, não será considerado. Pelo contrário, essa concepção é assumida, mas dentro da atual configuração e organização cidadina. Conseqüentemente, surge a necessidade de se destacar os elementos que caracterizam toda e qualquer cidade contemporânea.

O ensino de Geografia deve contribuir na formação da cidadania, dialogando a partir dos significados e as representações sociais que os alunos atribuem a determinados conceitos em relação à cidade. Assim, emerge o exercício constante da teorização, estabelecendo ligações e buscando as explicações em nível regional, nacional e inclusive internacional a partir da temática da urbanização/cidade, e esta se apresenta como um instrumento importante no trabalho escolar para aprendizagem do aluno, pois, permite que haja um relacionamento entre teoria e prática com o conhecimento da realidade circundante- cidade que mora e no bairro que vive.

O aluno deve ser motivado a considerar suas percepções de mundo, interpretando seu universo de vivência, sua importância local, regional e até mesmo em escala mundial, a fim de superar o senso comum em um claro reconhecimento de que o meio em que se vive é também objeto e tema da reflexão escolar (KAERCHER, 2004).

Os alunos são dotados de história, cultura e experiências que são valiosas contribuições para o ensino de Geografia, e quando na prática pedagógica negamos o espaço histórico do aluno e sua vivência/experiência, as suas representações, marginalizamos o aluno enquanto sujeito do processo do conhecimento. Os conteúdos ensinados em sala de aula por vezes ignoram o saber do aluno, o que impede a interação entre sujeito e o objeto a ser estudado.

Os conteúdos trabalhados na disciplina de Geografia devem abordar aspectos relevantes aos alunos, valorizando seu conhecimento prévio e seu espaço vivido. Assim, o lugar onde vivem e a cidade onde moram merecem destaque nos estudos geográficos, pois se constituem em espaço de vivência e (re) produção da sociedade.

Para Bado, (2009, p. 14): “A escola, nesse sentido, deve preparar o aluno para ler criticamente o lugar onde vive, criando condições para que ele (o aluno) estabeleça a ponte entre o seu saber e o saber escolar (...)”. Nesta ótica, Cavalcanti (2011) afirma a necessidade de ressaltar o local, visando propiciar a produção do aluno de um quadro de referências mais geral que lhe permita fazer análises críticas.

Contudo, para que a Geografia torne-se uma disciplina não apenas de assimilação de conceitos, mas de uma efetiva construção de conhecimento é preciso desenvolver práticas que envolvam o pensar dos alunos sobre os fatos e conteúdos. Nesta perspectiva, Cavalcanti (2008) destaca a necessidade do desenvolvimento conceitual e a relação do sujeito com o mundo, proporcionando ao sujeito vivenciar/discutir suas experiências.

Os conteúdos de Geografia precisam ser trabalhados a partir da observação e da descrição dos alunos e de seus respectivos cotidianos, entre eles a moradia na cidade. Pois ao trabalhar com o mundo dos alunos, suas fantasias e representações, torna-se mais fácil a assimilação e construção dos conhecimentos. Os alunos precisam pensar e construir não receber conceitos finalizados.

Nesta lógica de ensino, Callai (1991) aborda a necessidade do olhar e considerar o local visando propiciar a construção pelo aluno de um quadro de referências mais geral que lhe permita fazer análises críticas sobre suas vivências e os conteúdos ensinados. Assim, os conceitos não são significativos se aprendidos isoladamente, pois é o espaço de vivência do educando deve ser levado em consideração, possibilidades da criação de valores e posturas críticas do sujeito (aluno) com o ambiente citadino, como a cidadania.

A disciplina de Geografia apresenta-se como ferramenta no estudo da cidadania, na medida, que insere o aluno num mundo, onde passa a visualizar a criticidade das relações dinâmicas da cidade e impulsionam o cidadão em suas atividades cotidianas. (SOUSA; SILVA; MAGALHÃES, 2004/2005).

6.1 A geografia na prática e as relações da docência

A investigação sobre o ensino da cidade/urbanização nas aulas de geografia ficaria incompleta sem a contextualização da prática docente, porque o professor tem autonomia para escolher a metodologia utilizada na sala de aula. Nessa pesquisa, o entendimento da docência tornou-se fundamental para uma efetiva visão do processo de ensino/aprendizagem. Pois, são os professores que organizam os conteúdos trabalhados, direcionam os assuntos, instigam o debate, aguçam a criticidade dos alunos, enfim, são atores importantes, pois detém a essência da sala de aula.

Os questionários (Apêndice II) sobre a prática docente, não poderia ser de outra forma, construídos a partir da fala do professor: os conteúdos programáticos, como e quais recursos utilizam para pensar a cidade nas aulas de Geografia é imprescindível para nossa discussão. Neste contexto, consideram-se as falas das duas professoras de geografia da Escola Desidério Torquato Finamor. O intuito central do questionário concentra-se na temática de ensino da cidade, preferencialmente, como lecionam, em qual escala geográfica e quais recursos didáticos são utilizados em suas respectivas aulas.

6.2 Os sujeitos participantes da entrevista: o professor (a) de Geografia

Qual é o desafio do professor (a) de Geografia? Esta pergunta permeia o discurso de vários teóricos da área de ensino de geografia. Para Kaercher (2004), os educadores devem ensinar a criticidade aos alunos. A partir da insubstituível experiência do diálogo, mediante o próprio reconhecimento como sujeito de ideias e ações, capaz de ler/refletir sobre o mundo em que vivem.

Tais habilidades são desenvolvidas a partir da compreensão e da contextualização dos conhecimentos historicamente acumulados, conhecimentos teóricos e empíricos que passam a ter significado na vida do aluno, e, posteriormente, relacionando-os com a sua vida. Cabe ao professor se atualizar, a partir dos avanços das pesquisas científicas e da dinamicidade do espaço geográfico, pois estes são elementos fundamentais para a percepção de mundo do aluno.

Para Callai (1991) o papel do professor deve se construir na base de uma postura crítica-reflexiva, através de uma relação dialética entre fundamentais termos do ensino: ensino-pesquisa, teoria e práticas-vivência. Trata-se de uma formação crítica e inacabada, pautada no dinamismo da vida, dos sujeitos e da complexidade do mundo. Assim, a construção do saber geográfico ocorre a partir da interação entre o ambiente escolar e a vivência do aluno, quando da integração de ambos.

6.3 O que retrata o questionário: análise da docência

O questionário (Apêndice II) possibilitou a conexão entre o conteúdo trabalhado na sala de aula e a prática docente. Pode se observar ainda, as razões pelas quais a cidade (lugar onde os alunos vivem) não é trabalhada pelas professoras, e a relevância dos recursos didáticos, estimulando, uma tematização mais apurada sobre os recursos utilizados durante o Estágio Docente.

As respostas do questionário propiciaram a análise da qualidade do processo de ensino/aprendizagem das aulas de geografia e a interação do professor com o conteúdo trabalhado e, conseqüentemente a relação discente/docente. Pois, o olhar crítico, interessado e criativo dos alunos condiciona os avanços em termos de qualidade do ensino. Almeja-se uma cooperação entre aluno e professor, além do incentivo governamental, uma vez que condiciona e potencializa a atuação mais valorizada da docência.

A melhoria da qualidade de ensino compreende também a melhoria dos recursos didáticos, tanto no trabalho docente quanto na interação professor/aluno. A temática/conteúdo sobre urbanização nos permite trabalhar a cidade, e, muitas vezes, adota-se um enfoque apenas conceitual, negligenciando a abordagem do lócus de vivência dos alunos. Explicando: em nome da globalização subjuga-se o lugar de vivência e de interação social na busca por alternativas concretas e eficazes na qualidade de vida.

Os livros didáticos de Geografia mencionam o estudo da relação local/global, porém não determinam o recorte espacial e nem os critérios de análise, delegando inteira autonomia ao professor. Neste sentido, destaca-se que o estudo do lugar de

vivência dos alunos está condicionado a diversos fatores. São estes: o interesse docente em trabalhar o local, a escala de análise adotada, a seleção dos conteúdos e, concomitantemente a relação com o contexto social e as vivências dos educandos.

Assim, muitas vezes, os professores acham que trabalhar o local no conteúdo de urbanização pode de certa forma discriminar os alunos, pois estes vivem em bairros periféricos, foi uma resposta (Pergunta 01- Apêndice II) de uma das professoras entrevistadas. *"As aulas já são maçantes, eles não querem nada....Imagina ficar falando do bairro...das pessoas...vão se sentir inferiores"*.

Sobre a questão do ensino de Geografia na formação cidadã dos alunos, as duas professoras entrevistadas afirmaram que acreditam no potencial da disciplina. Porém, esta formação não deve ser isolada e restrita ao ensino de Geografia. As demais disciplinas devem reforçar a formação de sujeitos sociais críticos, pensar o ensino enquanto totalidade, e, estabelecendo as redes sociais através de diversos conteúdos. De acordo com Callai (2002), o ensino tradicional não é suficiente para a problematização de certos temas cotidianos, entra neste contexto a transdisciplinariedade dos conteúdos.

Em resposta ao uso dos recursos didáticos, considera-se relevante a afirmação de Calvacanti (2002, p.84): " (...) é preciso que o professor vença sua dificuldade em utilizá-los, sem cair no fascínio pelo modismo ou pelo apelo ao sofisticado, e se aproprie deles como ferramentas auxiliares em seu trabalho". A recusa e/ou falta de domínio por parte do professor dos recursos didáticos parece estar na contramão do ensino atual.

E, por mais que a Escola possua sala de informática, um acervo de mapas/globos e atlas escolar, as aulas ainda são tecnicistas e de maneira tradicional: quadro negro e as anotações do professor, logo os alunos a repetem nos cadernos. As professoras argumentaram: *"não tem como lecionar de maneira diferente...eles não ficam quietos...temos que lançar matéria para eles copiarem"*.

Na afirmação das professoras pensei neste termo usado *"lançar matéria"* e achei o emprego do mesmo conveniente, pois se entende que o *lançamento* do conteúdo seja impreciso e ao mesmo tempo descomprometido com o processo de ensino e aprendizagem. Sinto-me, de certo modo constrangida em explicitar as metodologias adotadas pelas professoras, mas, por outro lado, entendo que devo fazer um relato fiel

às minhas observações. Coloco-me também no lugar dos alunos, pois entendo que um conteúdo meramente tecnicista não acrescenta muito na formação escolar.

O Estágio Docente me tirou da zona de conforto, pois durante minha formação docente (e para vida) me comprometi em dar sentido aos conteúdos ministrados na aulas de Geografia. Esse Estágio foi um grande laboratório, as experimentações foram progressivas/difíceis/recompensadoras pois as minhas preocupações eram tornar a Geografia pela qual sou apaixonada, interessante para os alunos, já cansados da estrutura burocrática, disciplinadora e tecnicista da Escola.

Na minha visão cética das coisas, posso dizer que tudo deu meio errado, mas numa perspectiva esperançosa, posso dizer também que tudo deu meio certo. Como diz o Prof. Nestor: SIM E NÃO! Pois, comecei o estágio com uma expectativa exagerada e um tanto pretensiosa, já que sou professora contratada e autônoma (para compor a renda trabalho com aulas particulares) há cinco anos...pensei que não iria encontrar nenhum desafio.

Para todas as aulas levei para eles sugestões de livros, na maioria que pudessem ajudá-los a perceber geografias além dos mapas. Por essa razão, me pego pensando, será que fui compreendida? Será que minhas aulas marcaram suas vidas de alguma forma...foi produtivo?

Joguei bem alto minhas sementes e apesar de saber que não são eucaliptos....espero/desejo que cresçam logo e se transformem em árvores majestosas...Pensando nas aulas que lecionei, essas não foram nem muito ruins nem muito boas, foram ansiosas/receiosas isso é bem verdade, assim como também não soube o que fazer com a liberdade que a condição de professora me permite, ainda sou muito aluna. Sempre ao entrar no ônibus Agronomia pedia o Universo que me inspirasse com energias positivas ao meu favor: que os alunos me deixassem falar, que eles gostassem do que havia planejado, que nossa aula fosse participativa.

Foi então que eu percebi: que o cotidiano pode ser usado como instrumento pedagógico. Não quer dizer que o caminho é banalizar o conteúdo, longe disso, mas quer dizer que é preciso encontrar jeitos de trazê-lo para a aula falando a língua deles, e também se humanizando enquanto professor. Conforme Kaercher (1998), primeiro os conteúdos depois os conceitos, pois estes devem ser formados a partir dos conteúdos.

Educação, Geografia e Política são conceitos fundamentais a uma aula de geografia voltada à formação de um sujeito crítico, autônomo e emancipado. Os conceitos que os livros contêm não necessitam comentários sobre sua importância. É preciso incluir na tematização da cidade alguns conceitos que são silenciados.

Pois, a dimensão política do processo educativo não é contemplada nos livros. O professor é quem precisa contextualizá-la nas aulas de Geografia. Neste sentido, almeja-se uma prática docente na qual o aluno manuseie o livro didático, numa ação contemplativa e responde às questões, não autentica um estudo da cidade voltado a criar condições de cidadania.

Na lógica deste trabalho, a criticidade precisa ser coordenada pelo professor. Destaca-se a responsabilidade social do docente, suas concepções e princípios sobre o mundo, a sociedade, o homem e sua disposição pedagógica para a construção conjunta (professor/aluno) da cidadania, o seu comprometimento político com as mudanças, as transformações da realidade, a mitigação das desigualdades sociais, enfim, a preocupação com a exclusão social, econômica e cultural dos (homens) excluídos.

PARA NÃO CONCLUIR...

DAS UTOPIAS
“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...”

Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!"

Mário Quintana

Ao final deste trabalho têm-se ainda inquietações, muitas perguntas, algumas delas, no entanto, estão entremeadas no texto, outras, permanecem latentes, e, aparentemente, sem uma resposta precisa. É nesse sentido que o poema de Quintana torna-se pertinente. Porque ter-se-ia que concluir/cessar os sonhos e/ou objetivos? Se justamente falta trilhar os caminhos do Ensino da Geografia. Essa dificuldade de apontar um trabalho exato e acabado se reflete na pretensão de construir a cidadania mediante o estudo da cidade. Percebe-se que a formação para a cidadania é considerada pelas políticas públicas, pelas escolas e pela própria Geografia crítica.

Neste sentido, o processo de ensino/aprendizagem torna-se uma tarefa complexa, pautado na formação (a cidadania) e, dependente também de outros elementos, do professor, dos temas selecionados e da metodologia adotada. Esta concepção da Geografia crítica, a qual se preocupa em compreender a vivência do sujeito/a totalidade do espaço geográfico.

Quanto ao ensino, esta nova concepção de Geografia prioriza o saber construído pelo aluno (a partir do direcionamento do professor), a significação do processo histórico e cientificamente construído, ou seja, a possibilidade de associar o saber formal com o saber cotidiano. Assim, estudar a cidade requer entender o que se passa no contexto citadino, as atividades, a relação da sociedade com o espaço geográfico, refletindo a realidade vivida dos educandos.

Assim, percebe-se a importância de se trabalhar com a cidade: ela surge como um objeto de estudo, por compreender tanto o lócus de vivência dos alunos, quanto as relações socioespaciais, políticas, econômicas, ambientais, étnicas e religiosas, nas suas mais diversas escalas de análise. Embora os alunos sentissem dificuldades em expressar as suas compreensões acerca do que era Geografia e como percebiam a existência da mesma no seu dia-a-dia, demonstraram tanto no trabalho de entrevista (Apêndice I), quanto na sequência didática que possuem conceitos, opiniões, visões, enfim, das questões que os envolvem, sejam elas relacionadas à sala de aula, à escola,

ou ao seu bairro e aos lugares que frequenta ou mesmo que percebe na sua vivência diária pela cidade.

Pensar a cidade é refletir sobre a vida individual que é indissociável da vida coletiva. Pois, o ensino da Geografia está diretamente relacionado a uma questão muito mais complexa do que a simples seleção de conteúdos, da contextualização dos mesmos, ou do mero conhecimento da realidade dos alunos. Essa questão é dialética. A cidadania não é construída em sala de aula. Acreditar nessa afirmativa é não considerar a rede de relações sociais que existe no cotidiano.

Nesta perspectiva, o professor deve ter consciência de seu papel como agente transformador, cujos conteúdos e temas geográficos, selecionados por ele, possam ser tomados como propulsores de mudanças significativas no modo de pensar de seus alunos, o qual se pretende formar mais atuantes e críticos frente aos problemas da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escolar e construção de conhecimentos**. Campinas (São Paulo): Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

CALLAI, Helena. **A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** Terra Livre. São Paulo, n.16, p. 133-152, 2001.

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI A. (Org.). **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CALLAI, Helena (Org.). **O ensino em Estudos Sociais**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: Guia Histórico. 2º edição. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

HAUSMAN, A. **Aspectos da Geografia Urbana de Porto Alegre: Crescimento Urbano**. In: **Boletim Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul**. Ano VIII nº 13 jan-dez, 1963.

KAERCHER, Nestor. André. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos . Et al (orgs). **Geografia em sala de aula**:práticas e reflexões. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2003.

KAERCHER, Nestor. André. **A Geografia escolar na prática docente**: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. 2004. 363f. Dissertação (doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LAHORGUE, M. L. Cidade: obra e produto. **Geosul** (UFSC), Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 45-60, 2002.

LÉVY, P. As mudanças da educação e a economia do saber. IN: LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 169-176.

PAIVA, Márcio Luis Alves; JÚNIOR, Martha Maria. O ensino de geografia, a cidade e a construção da cidadania. In: **Revista da Casa da Geografia de Sobral** ano 7, n. 1. p. 123-140, 2005. Disponível em < www.uvanet.br/rcg/vol_06_07/editorial.pdf>; Acessado em: outubro, 2017.

SANTOS, M. F. **A urbanização brasileira**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas da minha cidade.** Porto Alegre: Editora Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1975.

SOUZA, C.F, MÜLLER, D. M. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2007.

SOUSA, M. J.M. de; SILVA, A. R. da; MAGALHÃES, S. M. F. A cidade e a cidadania no ensino de geografia. **Revista de Geografia da Casa de Sobral.** Sobral. V. 6/7, n.1, p.51-59, 2004/2005.

Apêndices

I.Questionário- Comunidade/Bairro Agronomia

- 1.Há quanto tempo você mora neste bairro (Agronomia)?
2. Você gosta de morar aqui/neste lugar?
3. Por que você escolheu morar neste bairro? (manter em mente que o informante pode não ter “escolhido” morar ali: pode ter sido porque a família já morava lá etc.)
 - a.(Se o informante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
 - b.(Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali) Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
4. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?
5. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?

II.Questionário- docentes

1. Como avalia o processo de ensino/aprendizagem em relação à situação socioeconômica dos alunos.
2. Você acredita que o ensino de Geografia pode contribuir à formação da cidadania?
3. Que temas você trabalha e quais, em sua opinião, podem contribuir a essa formação?
4. Que recursos didáticos você utiliza?
5. Você trabalha com o tema cidade? Sim ou não. Por quê? Qual a escala geográfica de análise?
6. Você e/ou a escola dispõe de recursos para trabalhar a cidade em escala local?
7. Na sua opinião, quais os mapas/plantas que você gostaria de ter disponíveis para trabalhar em suas aulas de Geografia?